HOMENAGEM AO POETA OPERARIO ADELINO VEIGA

NO 22.º ANNIVERSARIO DO SEU FALLECIMENTO

1887 — 1909

«. . . . .
Entra Lazaro!... a festa ha muito te convida...
Reina aqui o prazer!... ha jubilos e vida!...
Ha luzes no altar do templo do Trabalho!...
Cantam hymnos de festa, a serra, o escopro e o malho!...

ADELINO VEIGA.

A NOSSA HOMENAGEM

Quando, ha um anno, assistimos a essa grandiosa manifestação feita, no theatro d'esta cidade, á memoria de Adelino Veiga, cuja apotheose era recebida no meio dos mais delirantes applausos, logo comprehendemos que esse morto querido não era, apenas, um idolo nosso, mas que o seu nome se impunha, tambem, á veneração de todos os conimbricenses, e que prestar-lhe a homenagem publica e sincera do nosso preito era um dever que se impunha. Assim, e appellando para o povo trabalhador de Coimbra, conseguimos, envidando os nossos melhores esforços, vencer obstaculos e realizar esta modesta mas sincera homenagem, que se é pequena na sua exterioridade, é grande, e muito grande, na sua significação.

*

A consagração d'hoje tem para nós, apostolos da emancipação do povo trabalhador, duas enormes significações; pois que prestando homenagem á memoria de Adelino Veiga, o intelligente, honesto e illustrado operario conimbricense, cuja vida foi um constante esforço em prol dos desventurados, arvoramos, tambem, o lábaro bemdito da Instrucção, para que, congregando-nos todos em volta d'elle, e banhando as nossas almas n'esse caudal de luz que da sua obra emana, possamos vencer os nossos inimigos e conseguir o triumpho da nossa sacrosanta Causa.

Viva a memoria de Adelino Veiga!

Viva o povo trabalhador de Coimbra!

A COMMISSÃO.



ADELINO VEIGA

PARECER DO ILLUSTRE VICE-PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL:

A Camara Municipal de Coimbra deve attender a Federação das Associações de Classe, que, em homenagem ao poeta operario, Adelino Veiga, deseja se designe com o seu nome a rua das Solas, onde nasceu a 13 de Outubro de 1848. Estudando despreoccupadamente toda a estranha complexidade do seu organismo moral, a piedade das amarguras e das dores que soffreu, só deixa que na nossa alma possam penetrar sentimentos de indulgencia e de commiseração.

Nem sempre é possivel a lucta com a doença, o infortunio e a pobreza.

Adelino Veiga defendeu-se heroicamente e triumphou.

Foram armas poderosas, um grande talento, tão inspiradamente revelado nas suas composições poeticas, fortes energias de combatente, com as quaes conquistou na classe operaria um logar, que ainda nenhum outro poude preencher, e finalmente a facilidade com que prendia e suggestionava o publico, quando nos palcos dos theatros de Coimbra exhibia os seus predicados singulares de actor.

A obra lyrica de Adelino Veiga não está apenas comprehendida nos dois livros, *Guitarra d'Almaviva* e *Lyra do Tabalho*.

Versos muito apreciaveis andam dispersos por collecções de jornaes desse tempo, e muitos se perderam.

Não lhes falta simplicidade, estro, espontaneidade e inspiração.

Por vezes agita as suas trovas ardentes e patrioticas uma onda de audacia e de revolta, e é nessa corrente viril e apaixonada que está a explicação do prestigio forte e incontesto, que teve sempre sobre os seus collegas no operariado, que ainda hoje persiste, e que sobe mesmo acima da sua classe. A morte de Adelino Veiga foi uma consagração.

O feretro do poeta, no longo percurso até ao cemiterio da Conchada, teve a acompanha-lo uma grande multidão que enchia todos os caminhos, e que de toda parte affluia commovida e respeitosa.

Quem poude assistir a este lugubre desfile, longo, interminavel e imponente, as impressões, com que ficou, foram decerto impereciveis.

Parece-me, pois, justa a representação das Associações de Classe, apresentada na sessão preterita de 5 de Novembro.

Seja dado á rua das Solas o nome do poeta operario, Adelino Veiga.

SILVIO PELLICO.

ALGUMAS POESIAS DO MALLOGRADO POETA:

O CREDO

Quando passarem tempos, sim, passarem annos,
Que o povo não se curve aos vis palacianos,
Quando o trabalhador ao qual o suor orvalha
Souber que só é rei o homem que trabalha,
Quando elle comprehender que a grande Mãe, a Terra,
Faz podre esterquilineo dos mandões da guerra,
Quando elle bem entender que um Deus immaculado
Não póde ser a capa ignobil do peccado,
O Deus do jesuita, o Deus do beaterio
Que esconde um crime vil co'as maguas d'um psalterio,
Ah!... quando elle despertar do somno em que inda dorme,
Quando se erguer possante, audaz, com força enorme,
Um crente, que beijando a Biblia da egualdade,
Já saiba soletrar um lemma: a liberdade,
Então, só n'esse dia tão festivo e novo
Eu poderei dizer: «tu acordaste, povo!...»

O ULTIMO GRITO

AO DISTINCTO POETA ANTONIO FOGAÇA

Arvoras-te em juiz, oh!... velha desdentada,
Ignobil sociedade!.. um crime existe?... é teu!
Teu, sim, que só despreso em ti achei, mais nada!...
Madrasta foste tu, e o engeitado eu!...

Quem te pediu a vida?... a vida desgraçada,
Negra como um desterro, infamia e labeu?
Que mãe me acalentou na hora atribulada?...
Quem me ensinou o bem? .. quem me apontou o ceu?

Nunca o calor d'um beijo, um riso de candura,
Tudo que é santo e bom, e prende a creatura,
Nada d'isso encontrei na vida peregrina!...

Um crime deu-me o ser, do crime fui amigo;
No mundo *vil* entrei da roda p'lo postigo...
Saio p'lo alçapão d'um monstro; — a guilhotina!...

O POSTE DA IGNOMINIA

AO MAJOR LUIZ DE QUILLINAN

O velho Portugal *á beira mar plantado*,
(Segundo uma canção d'um poeta auctorisado)
Soffreu como o leão de que fallou Bocage,
Um insulto soez, a infamia d'um ultrage.
Diga-se á puridade, não admira nada,
Sendo o insultador um *lord* da *alliada*...
Vem já de antigo tempo a torpe malvadez
De atirar lama infécta ao nome portuguez!...
Portugal, que foi sempre heroe na crua guerra,
Está sendo quasi um bobo, ás ordens d'Inglaterra!...
Tira-lhe folha a folha os louros d'alta gloria,
Que assombram inda hoje as paginas da historia!...
Não trepida insultando honrosas tradições...
John Bull escarnece a patria de Camões!...
É tempo de parar, que um povo de guerreiros
Não ouve impunemente insultos de estrangeiros!...
A patria de Albuquerque, a patria do Gama
Repelle o vil insulto que o seu berço infama!...
P'ra traz, que os vencedores de Diu e de Ormuz
Que foram longe hastear este pendão da cruz,
Deixaram geração que tem o sangue bravo
P'ra n'um impeto partir a golilha de escravo!...
Não somos um paiz de vis bancarroteiros,
Somos um povo honrado, e preza de negreiros!...
Bem hajas, Quillinan!... bem hajas, portuguez,
Que ergueste a voz ousada, ahi, no solo inglez!...
Se está quasi vendido o velho Portugal,
Não está vendida a honra, e o brio nacional!...

«. . . . .
Ao filho do labor, ao qual o suor orvalha,
Pertence a phrase immensa: «E' rei o que trabalha!»
. . . .
Timoneiro! segura a corda á vella panda,
Que a barca vae singrando o mar da propaganda!»

DE NOITE

Commanda o vendaval; é noite de Janeiro;
A neve alastra o chão, a chuva é fria e crua;
A abobada parece o fundo d'um tinteiro;
Surge como um sarcasmo a pallidez da lua;

No becco solitario, um velho cão rafeiro,
Tirita enroscado sobre a lage nua;
Destacam-se no ar de um modo zombeteiro
Negras trapeiras hirtas da sombria rua.

Acordam o silencio uns vagos sons distantes,
Sons lubricos de walsa; as lubricas bacchantes
Do paço no salão volteiam com ardor!...

A neve vae cahindo... e o negro cão faminto
Ergue a cabeça hirsuta, uivando, co'o instincto
Do accordar d'um povo em gritos de furor!...

JOGRAL CAHIDO

ULTIMO PERFIL

Tu riste muita vez em noites jubilosas
Da sua fina graça e franco bom humor;
Tinha talvez quem sabe?... a mente d'esse actor
Os sonhos e as illusões das vidas radiosas.

Dava-lhe a fatua luz da rampa horas ditosas...
Julgava-se feliz ouvindo aquelle rumor
Do povo enthusiasmado e que num estranho ardor
Lhe atirava febril as palmas victoriosas.

Tu rias. Vê-o agora!... a fronte macilenta,
Os labios já sem riso, os olhos já sem luz..
Viver p'ra toda a gente, é morte e morte lenta!...

Esqueleto que tem frio... o premio que o seduz
E' achar, ao cahir, vencido p'la tormenta,
Sete palmos de terra á sombra d'uma cruz.

Janeiro, 28-1887.

Coimbra, Typ. Auxiliar d'Escriptorio — 441-III-09